

AQUI COMO LÁ: DIÁSPORA, TRANSNACIONALIDADE E A INFLUÊNCIA ESTADUNIDENSE NO CENÁRIO URBANO DE GOVERNADOR VALADARES

Franco Dani Araújo e Pinto¹
Sueli Siqueira²

Resumo: Não é difícil, ao transitar pelas ruas de Governador Valadares (MG), se deparar com estabelecimentos comerciais e residenciais com características tipicamente estadunidenses. O presente estudo mostra que isso se deve à influência norte-americana na cidade do Vale do Rio Doce, principalmente entre as décadas de 1940 e 1950, quando ela experimentou um crescimento econômico importante em razão de suas riquezas naturais, como a madeira, pedras preciosas e a mica, esta última considerada material estratégico para a indústria bélica. Na época, a construção da BR-116 (Rio—Bahia) e o entroncamento rododiferroviário favoreceram as atividades comerciais na cidade, atraindo muitos trabalhadores e investidores, entre os quais os norte-americanos. Essa presença e as marcas que eles deixaram na cidade, como a circulação de dólares (SIQUEIRA, 2009), despertou em muitos moradores o desejo de conhecer os Estados Unidos. Na década de 1960, embalados no sonho de conquistar a América, os primeiros valadarenses foram para o país norte-americano, processo que se intensificou principalmente na década de 1980. Desde então, as redes de relações entre os que iam e os que ficavam foram fortalecendo o fluxo migratório, e as viagens para os Estados Unidos foram moldando a cultura de um povo emigrante, do qual fazem parte muitas pessoas que, depois de morarem no país norte-americano, retornaram para a cidade de origem, trazendo consigo hábitos, gostos e outros elementos da cultura estadunidense. O artigo em questão, com base em estudos de pesquisadores da área da migração, como Sales (1999), Assis (2002) e Siqueira (2009), reúne alguns recortes publicados pela mídia impressa brasileira, presentes ainda nos dias de hoje, que reforçam as marcas da presença norte-americana no cenário urbano de Governador Valadares, assim como procura explicar tal comportamento com base nos estudos de Hall (2003) sobre a diáspora e de Fernandes (2011) e Margolis (2013) sobre transnacionalidade.

Palavras-chave: Diáspora. Migração. Migrantes transnacionais. Transnacionalidade.

INTRODUÇÃO

Governador Valadares é uma cidade pertencente ao Vale do Rio Doce, na região leste de Minas Gerais, e tem, atualmente, cerca de 280 mil habitantes, segundo estimativa³ do

¹ Mestre em Gestão Integrada do Território (Universidade Vale do Rio Doce – Univale). Docente do curso de Jornalismo (Univale). E-mail: franco.araujo@univale.br.

² Doutora em Sociologia e Ciências Políticas (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG). Docente do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território (Universidade Vale do Rio Doce - Univale). E-mail: suelisiqueira.gv@gmail.com.

³ Informação disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/mg/governador-valadares/panorama>>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual revelou também que em 2015 o município tinha 53,8% do seu orçamento proveniente de fontes externas, entre as quais recursos financeiros enviados dos Estados Unidos por brasileiros que lá residem para seus parentes na cidade mineira. Isso pode ser explicado pela relação de Governador Valadares com a história da migração de brasileiros para os Estados Unidos. Uma história que começou ainda na década de 1960, segundo Siqueira (2009). Ela explica que os primeiros brasileiros a migrar para o país norte-americano partiram de pontos específicos: além de Valadares, Criciúma (SC) e Piracanjuba (GO), sendo que os mineiros se dirigiram com maior frequência para Framingham (Massachusetts), Danbury (Connecticut) e Newark (Nova Jersey); os de Criciúma, para Boston e Somerville (ambas em Massachusetts); e os goianos para São Francisco (Califórnia).

De acordo com Siqueira (2009), na década de 1940, durante o período da II Grande Guerra Mundial, Governador Valadares experimentou um crescimento econômico importante por causa de suas riquezas naturais, como a madeira, pedras preciosas e a mica, considerada material estratégico para a indústria bélica. Nessa época, a construção da BR-116 (Rio—Bahia) e o entroncamento rodoferroviário favoreceram as atividades comerciais na cidade, atraindo muitos trabalhadores e investidores, entre os quais os norte-americanos que, segundo Siqueira (2009, p. 67), “coordenavam os trabalhos de extração e de beneficiamento da mica”. Valadares tornou-se, então, “uma terra de fronteiras abertas onde muitos vieram tentar a sorte” (ASSIS, 2002, p. 38).

Entre 1942 e 1943, segundo Sueli (2009), por meio de um acordo entre Brasil e Estados Unidos, foi construído em Governador Valadares o SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), com a finalidade de resolver o problema de saneamento básico e do atendimento hospitalar a pacientes com malária, que assolava os moradores. O SESP, que funcionou até o início da década de 1960, era financiado pelo governo norte-americano e era mais um sinal da presença dos estrangeiros na cidade mineira. Essa presença e as marcas que eles deixaram na cidade, como a circulação de dólares, segundo Siqueira (2009), despertou em muitos moradores de Valadares o desejo de conhecer os Estados Unidos.

O contato com o dólar recebido como pagamento ou gorjeta aos favores ou trabalhos prestados, cujo valor era muito acima da moeda brasileira, passava a ideia de opulência e fartura do local de onde vinham os americanos. Findo o ciclo econômico da mica, fica no imaginário popular a visão dos Estados Unidos como o *Eldorado*. Grande parte da população da cidade já tinha vivido uma experiência de migração interna, pois eram pessoas vindas de

diferentes partes do país, em busca de melhores condições de vida. Essa experiência, aliada à aproximação marcante da década de 1940 com os EUA, possibilitou o surgimento de uma cultura de migração internacional (SIQUEIRA, 2009, p. 67).

Na década de 1960, com o fim da exploração da mica, houve uma reconfiguração das atividades econômicas de Valadares. Nesse período, segundo Assis (2002), a pecuária se desenvolveu nas terras desmatadas pelas madeireiras e tornou-se a principal atividade econômica do município, seguida pela indústria, comércio e serviços. Valadares já havia experimentado a influência da moeda norte-americana nas duas décadas anteriores (anos 1940 e 1950). Então, “embalados no sonho de ganhar ‘verdinhas’ os primeiros valadarenses foram para os Estados Unidos” (ASSIS, 2002, p. 44). Ainda segundo a autora,

Os primeiros emigrantes valadarenses, que na década de 60 foram para os Estados Unidos, tinham como objetivo ‘fazer a América’. O que significava trabalhar e ganhar dólares suficientes para retornar ao país de origem, comprar uma casa, um carro e montar um comércio. Este projeto é semelhante ao de outros grupos de migrantes para os Estados Unidos (ASSIS, 2002, p. 48).

O relato de um dos primeiros moradores de Valadares a ir para os Estados Unidos está registrado na pesquisa de Siqueira (2009, p. 68). O entrevistado, identificado como Pedro, conta que foi pela primeira vez aos Estados Unidos em 1964, por meio de um intercâmbio. Ele estudava na escola de inglês fundada pelo engenheiro norte-americano Mr. Simpson, que veio para Valadares décadas antes, trabalhar nas obras da linha férrea Vitória-Minas, e que acabou ficando na cidade com sua esposa. Quando Pedro retornou da viagem, decidiu que deveria regressar para os Estados Unidos por causa das oportunidades que lá havia, e também do “dinheirinho”, que era mais fácil ganhar do que no Brasil, com o qual poderia conquistar sua independência financeira. E foi o que ele fez: encorajou um amigo e ambos foram para os Estados Unidos. Pedro morou lá por três anos e com o dinheiro montou o próprio negócio no Brasil. A partir daí, parentes e amigos começaram a emigrar.

Depoimentos como esse colhido por Siqueira (2009) contribuíram para explicar como os Estados Unidos tornaram-se parte do imaginário dos valadarenses. Com certo tempo, segundo Siqueira (2009, p. 69), “um grupo significativo de brasileiros estava nos Estados Unidos ‘fazendo a América’. Foram esses os primeiros migrantes que estabeleceram uma rede de relações, permitindo a emigração em grande escala, na década de 1980”. Desde então, as redes de relações entre os que iam e os que ficavam foram fortalecendo o fluxo migratório.

“As primeiras levas de emigrantes foram sucedendo outras, os parentes, amigos (as), filhos (as) nos demonstrando a importância da rede de relações para que este fluxo entre Governador Valadares e os Estados Unidos se estabelecesse” (ASSIS, 2002, p. 50).

Uma vez estabelecidas as redes entre valadarenses – embalados pelas histórias de sucesso dos primeiros emigrantes – e os seus parentes e amigos nos Estados Unidos, na década de 1980 o fluxo migratório para aquele país foi ainda mais intenso. Mas esse não foi o único motivo, segundo estudiosos como Maxine Margolis (1994). De acordo com ela, a migração para os Estados Unidos em escala significativa começou mais precisamente entre 1984 e 1987, num momento de crise econômica acentuada pela qual o Brasil passava. A pesquisa de Margolis revelou que os principais motivos que levaram os brasileiros a migrarem de forma “cataclísmica” para os Estados Unidos nesse período tinham relação com os problemas econômicos que o país enfrentava. À época, segundo a autora, o Brasil vivia uma situação de hiperinflação, que vinha prejudicando a classe média. No final da década de 1980 e início da de 1990, a inflação no país beirava os 1.800% anuais. Essa incerteza econômica, segundo a autora, levou muitos brasileiros a migrarem.

Para Assis (2002, p. 45), a influência norte-americana em Valadares, nas décadas de 1940 e 1950, e as primeiras viagens para os Estados Unidos, na década de 1960, foram moldando a cultura de um povo emigrante. Na década de 1980, com o agravamento da crise econômica no Brasil, a ida de valadarenses para os EUA intensificou-se porque, segundo a autora, “já fazia parte de nossa subjetividade esta possibilidade: a utopia americana. Já conhecíamos as oportunidades de emprego, onde ficar e possuímos pessoas para nos ajudar, por isso a escolha dos Estados Unidos”. De acordo com Sales (1999), tratava-se de buscar uma ascensão social e financeira, como ela mesma explica:

Os migrantes brasileiros das duas últimas décadas [referindo-se às décadas de 1980 e 1990], sobretudo os jovens migrantes, que são a grande maioria, buscam lá fora essa possibilidade de ascensão social que lhes foi negada no Brasil. Buscam-na, inicialmente, por meio da acumulação de uma poupança que lhes permitiria voltar a se estabelecer em melhores condições no seu retorno ao Brasil (SALES, 1999, pp. 7-8).

Sales (1999, p. 11) chama o período de 1980 de “década perdida”, que é uma “denominação dada por economistas à década de 80 devido à queda dos indicadores econômicos, pois entramos na economia mundial pela porta dos fundos fornecendo trabalhadores imigrantes ilegais que fugiam da crise econômica”. Além de preços altos,

baixos salários e desemprego, segundo Margolis (2013, p. 23) a dificuldade de muitos brasileiros de encontrarem colocação nas áreas de formação foi outro incentivo para muitos jovens com idade entre 18 e 24 anos deixarem o Brasil rumos aos Estados Unidos. Quando pensavam no futuro e “sentiam pouquíssima esperança de melhora da situação econômica do Brasil, emigrar tornava-se cada vez mais uma saída do tipo ‘nada tenho a perder’”.

REFLEXOS DA INFLUÊNCIA ESTADUNIDENSE EM VALADARES

Como visto até aqui, durante algumas décadas, a partir dos anos 1940, Governador Valadares sofreu forte influência da presença dos norte-americanos, como, por exemplo, a circulação de dólares no comércio e até na arquitetura de algumas construções. Influências essas que ainda hoje estão presentes no cenário urbano da cidade. Como exemplo da influência norte-americana no comércio, destacamos neste trabalho imagens publicadas na edição 522 do Jornal Circulando⁴. Entre elas, a de uma lanchonete na rua Israel Pinheiro, no bairro São Pedro (figura 01). O estabelecimento tem o nome “América III”, e o mascote, um felino, está com vestimentas e acessórios nas cores da bandeira dos Estados Unidos. Em entrevista ao Jornal Circulando, o proprietário da lanchonete, Ricardo Guerra Coelho, relatou que morou três anos nos Estados Unidos, onde trabalhou em vários ramos, entre eles o de alimentação. Com as economias que fez no território de destino, ele investiu numa estrutura parecida com as que lá existem: um trailer de lanches instalado numa área aberta, sem cercas ou muros.

Figura 01 - Lanchonete “América III”, no bairro São Pedro



Fonte: Jornal Circulando/Edição 522, maio/junho de 2015

⁴ Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Vale do Rio Doce (Univale). Edição nº 522, de maio/junho de 2015. Disponível em: <http://issuu.com/univalegv/docs/circulando_edicao_522>. Acesso em: 26 mai. 2017.

Na mesma edição do Jornal Circulando, é possível encontrar outros exemplos da influência norte-americana no comércio valadarense, como, por exemplo, um salão de beleza na avenida Brasil, próximo ao Terminal Rodoviário, no centro da cidade (figura 02). O então proprietário, Amarildo Barbosa, morou nos Estados Unidos por mais de 20 anos, onde trabalhou a maior parte desse período como cabeleireiro. Ao retornar, resolveu investir no mesmo ramo na cidade mineira. Ao jornal, ele contou que a decoração do espaço interno do salão – com muitos adornos, acessórios e cores fortes – foi inspirada na cidade de Atlanta, no estado da Geórgia, onde ele morou alguns anos. Até a temperatura do ar condicionado, segundo ele, é regulada para manter um clima que lembre a cidade norte-americana de Boston, em Massachusetts, onde ele também morou.

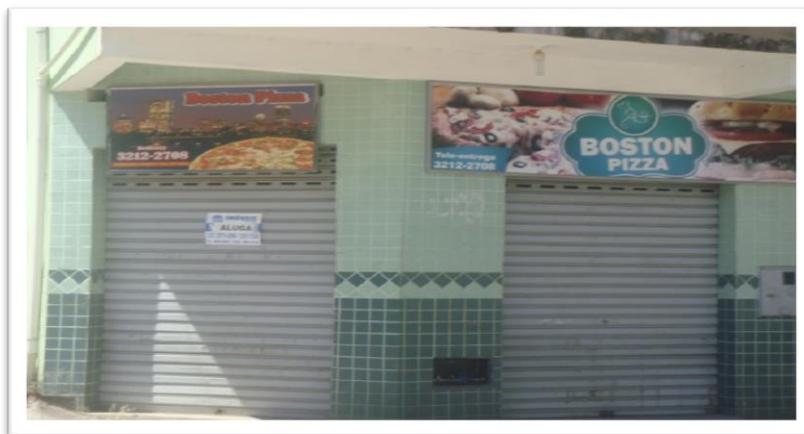
Figura 02 - Salão de beleza ao estilo norte-americano, no centro de Valadares



Fonte: Jornal Circulando/Edição 522, maio/junho de 2015

Na avenida Vereador José Fernandes, no bairro Esperança, um outro estabelecimento comercial fotografado pelo Jornal Circulando reforça as influências da cultura norte-americana em Valadares, muitas vezes disseminada pelos próprios brasileiros que retornam dos Estados Unidos. É o caso da Boston Pizza (figura 03). Uma das placas do estabelecimento, inclusive, indica, em inglês, o tipo de serviço prestado: “Delivery”, que em português significa “entrega”.

Figura 03 - Fachada do estabelecimento Boston Pizza, no bairro Esperança



Na arquitetura e na construção civil da cidade, a influência norte-americana também está presente. Um exemplo é uma casa construída na avenida JK, na altura do bairro Vila Rica (figura 04), e que também foi fotografada para o Jornal Circulando. O proprietário, Marcos Benevides Pena, contou à equipe de reportagem do periódico universitário que morou nos Estados Unidos por mais de 20 anos, parte dos quais trabalhou na construção civil. Quando regressou ao Brasil, em 2001, construiu uma casa ao estilo norte-americano, de madeira, com janelas grandes pintadas de branco e ladrilhos pintados numa cor azul clara. Detalhes que podem ser notados também na inclinação do telhado e outros detalhes, como o uso de cedro, alpendres arredondados e, do lado de dentro, cores fortes e muitos acessórios compondo a decoração da casa.

Figura 04 - Casa no bairro Vila Rica com arquitetura ao estilo norte-americano



Fonte: Jornal Circulando/Edição 522, maio/junho de 2015

DIÁSPORA E TRANSNACIONALIDADE

Compreender a influência estadunidense no cenário urbano de Governador Valadares, décadas depois da chegada dos primeiros imigrantes norte-americanos na cidade, passa por compreender também alguns aspectos conceituais que explicam esse comportamento, como a transnacionalidade. Em sua obra, Margolis (2013, p. 242) associa o que ela chama de “natureza transnacional” à construção da identidade étnica de brasileiros nos Estados Unidos. Ou seja, a influência estadunidense no cenário urbano de Valadares não está relacionada apenas à vinda dos americanos para Valadares, décadas atrás, mas também ao fluxo migratório que se estabeleceu nesse período, principalmente por conta dos brasileiros que retornaram dos Estados Unidos para Valadares depois de determinado tempo de estadia no país de destino. Margolis (2013, p. 242) define o transnacionalismo como “um processo no qual os migrantes internacionais mantêm laços com a terra natal, apesar da distância geográfica, enquanto moram no país em que se estabeleceram”. Segundo a autora, o termo “transnacional” é usado para indicar a facilidade com que pessoas, objetos e ideias fluem de lá pra cá, e vice-versa, através das fronteiras internacionais. E, ainda de acordo com ela, os brasileiros não são exceção:

[...] muitos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos e em outros lugares se veem, pelo menos no início, como hóspedes e não como colonos, mantêm laços fortes com o Brasil e, como consequência, com a identidade de brasileiro. Hóspedes costumam ter como norte o próprio país; costumam se envolver pouco com a sociedade anfitriã e sonham com o dia em que voltarão para casa. [...] Tal dualidade tem intenções brasileiras. De novo, pelo menos no início, a maioria vai para os Estados Unidos, Japão e vários países europeus com o propósito de fazer uma vida para si mesma ou suas famílias na volta ao Brasil. (MARGOLIS, 2013, p. 242).

Dessa forma, segundo Margolis (2013, p. 243), os migrantes transnacionais, enquanto estão vivendo no país de destino, ou “sociedade receptora”, são, não apenas classificados de acordo com as rubricas étnicas locais, “mas a própria noção de si mesmos permanece enraizada na nação de origem e até na cidade natal. Tais identidades flutuantes são ao mesmo tempo impostas pelo próprio indivíduo, como pela sociedade receptora”.

Fernandes (2011, p. 64) vai além e discute a busca dos migrantes transnacionais por uma identidade no contexto em que se encontram, mostrando suas angústias por viverem “na fronteira”, em diversos sentidos. “Viver na fronteira”, segundo a autora, caracteriza a busca por uma identidade. Um conflito que acaba gerando uma sensação de não pertencimento ao “aqui”, mas também o não pertencimento ao “lá”. Em seus estudos, Fernandes (2011, p. 64) verificou que ao chegar em um novo país, o imigrante traz consigo suas identidades étnicas, que por sua vez entram em contato com a sociedade de destino e outros migrantes, em um processo constante de construção e reconstrução de identidade. O que a autora chama de “identidade transnacional” agrega elementos da origem àqueles adquiridos na sociedade de destino, pois na readaptação à terra natal não há o abandono das identidades adquiridas durante a emigração. Para a autora, esses imigrantes estão modificando os Estados Unidos e os Estados Unidos também os modificam.

Stuart Hall (2003) pontua um outro elemento importante nesse contexto da influência norte-americana em Valadares: as diásporas, que segundo o autor podem ajudar a compreender esse conflito identitário resultante dos processos transnacionais. Ele define diásporas como sendo a dispersão dos povos no contexto representado pelas migrações modernas e intenso deslocamento de populações entre países e continentes, ou mesmo dentro de um mesmo país. Segundo Hall (2003), a identidade no contexto da diáspora é cercada por contradições, considerando que uma vez que o indivíduo deixou seu local de origem, não pode voltar para lá, pois ao retornar, esse mesmo indivíduo não encontrará a mesma realidade que deixou. O autor, que nasceu e viveu na Jamaica até sua mocidade e depois se mudou para a Inglaterra, relata sua própria condição transnacional:

Tendo sido preparado pela educação colonial [na Jamaica], eu conhecia a Inglaterra de dentro. Mas não sou nem nunca serei inglês. Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada (HALL, 2003, p. 415).

Ainda segundo o autor,

É interessante, em relação a Jamaica, porque os amigos que deixei para trás viveram experiências que eu não vivi. Eles passaram o ano de 1968 lá, presenciaram o nascimento da consciência negra e o crescimento do rastafarismo com suas lembranças da África. Eles viveram aqueles anos de uma maneira diferente da minha, portanto também não me considero da

geração deles. Estudei junto com eles, mantive contato com eles, mas sua experiência foi completamente diferente da minha. Essa lacuna não pode ser preenchida. É impossível voltar para casa de novo. (HALL, 2003, p. 416).

Por isso, o discurso da identidade fragmentada é tão presente nos estudos de Hall (2003), pois, para ele, o lugar de origem passa a ser um lugar mítico, que não pode mais ser resgatado pelo indivíduo, ao mesmo tempo em que o lugar de destino nunca acolherá esse indivíduo plenamente.

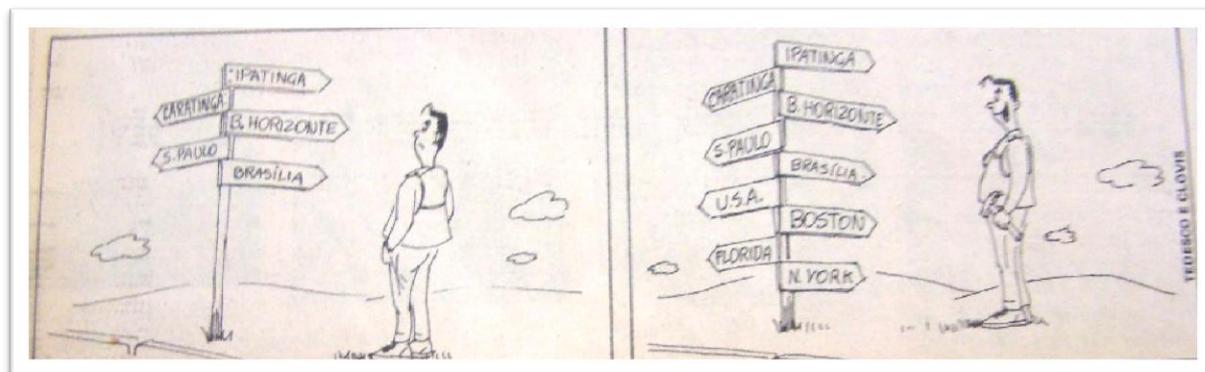
O mesmo conceito pode ser aplicado em relação ao personagem “Capitão Dólar”, criado em julho de 1990 pelo jornalista Marcondes Tedesco e pelo chargista Clóvis Moreira Costa, que à época trabalhavam para o jornal Diário do Rio Doce, em Governador Valadares (MG). As tirinhas circularam diariamente durante um ano e três meses, entre 1990 e 1991. Os conteúdos das tirinhas, segundo Pinto (2011, p. 145), “retratam com humor e um pouco de ironia a história de um emigrante valadarense retornado e o fenômeno migratório em suas diversas facetas”. A autora define o Capitão Dólar enquanto um estrangeiro em seu próprio país, que vive o conflito do não pertencimento nem ao país de origem, o Brasil, como o de origem, os Estados Unidos:

Apesar de ser um personagem fictício e do humor contido nas histórias, a verdadeira mensagem transmitida por essa sequência de quadrinhos é uma denúncia com relação à situação dos brasileiros que vivem nos Estados Unidos e do sentimento de não pertencimento quando retornam à terra natal. Ao voltarem para a terra de origem, os emigrantes são acometidos por um sentimento de estranhamento. No reencontro, eles se frustram ao deparar com uma realidade diferente daquela que foi idealizada durante a estadia no país de destino. O processo de readaptação é complexo, pois o retornado tem dificuldades de convivência com a família e a comunidade. Além disso, ele está sempre comparando os dois lugares e demonstra desagrado com relação à terra natal (PINTO, 2011, pp. 145-146).

Pinto (2011, p. 146) explica que o Capitão Dólar é um exemplo de emigrante retornado, “que se sente deslocado ao retornar”, como pode ser observado na figura 05. A tirinha foi publicada na edição de 27 de julho de 1990 do jornal Diário do Rio Doce. Na ilustração, uma placa indica a direção de algumas cidades brasileiras, como Ipatinga, Caratinga, Belo Horizonte e Brasília, o que confunde o Capitão Dólar. Na condição de migrante retornado ao país de origem, mas acostumado com o estilo de vida e hábitos do país de destino, o personagem sente falta da indicação de cidades norte-americanas no poste. Ele tenta dar um “jeito” nas coisas, pregando no local algumas placas com nomes de cidades norte-americanas, com as quais se acostumou enquanto morou nos Estados Unidos. O Capitão

Dólar se encaixa no perfil do indivíduo que não se sente “em casa” na sua cidade natal, “pois após a experiência migratória é como se ele pertencesse a dois lugares, estando lá e cá simultaneamente” (PINTO, 2011, p. 157).

Figura 05 - Tira: Capitão Dólar



Fonte: Pinto (2011, p. 157)

No editorial da página 3 da edição 1.307, de agosto de 2011, do jornal *Brazilian Voice*⁵, outro exemplo que reforça a discussão sobre transnacionalidade e diáspora. O texto retrata a imagem do brasileiro que, apesar da realização do projeto de migrar para os Estados Unidos, não esquece suas raízes no país de origem, para onde pretende retornar um dia, mesmo que implicitamente, como ressalta Siqueira (2009, p. 86). Trata-se, segundo esta autora, não só de um projeto de retorno por “determinantes econômicos, como montar um negócio” com o dinheiro que adquiriu no território de destino, mas pela “necessidade de voltar às raízes para encontrar sua identidade, sua família, seus amigos”.

No editorial representado na figura 06, o fundador e editor-chefe do *Brazilian Voice*, Roberto Lima, que reside nos Estados Unidos desde a década de 1980, faz uma narrativa melancólica e nostálgica, lembrando da visita ao bairro onde nasceu, no distrito de Pedra Corrida, pertencente ao município de Periquito, na região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. O texto é intitulado “Onde eu nasci passa um rio”, fazendo referência ao Rio Doce. No decorrer do editorial, o autor expressa seus sentimentos em relação à terra de origem com frases como “Este rio que ainda corre em minhas veias, foi meu companheiro desde sempre”.

⁵ Com sede em Newark (estado de Nova Jersey), o *Brazilian Voice* é um jornal impresso étnico brasileiro semanário. Foi fundado em 1988, pelo mineiro de Açucena (MG), Roberto Lima, quatro anos depois de sua chegada aos Estados Unidos. Atualmente, é considerado o maior veículo de comunicação impresso em língua portuguesa das comunidades brasileiras residentes nos Estados Unidos em tiragem e abrangência (PINTO, 2016).

Um dos momentos mais expressivos do texto ocorre quando Roberto Lima conta que aos 40 anos de idade, completados em 2002, resolveu visitar o distrito onde nascera, acompanhado do pai. “[...] pedi a meu pai que fosse comigo, pela primeira vez, a Pedra Corrida. Eu nunca havia voltado lá”. E continuou: “Descemos a rua principal do vilarejo [...] e fomos para a rua à margem do rio, onde eu nascera em 1962”. O pai de Roberto mostrou uma casa onde o filho supostamente havia nascido. “Emocionei-me, chorei, tirei fotografias na frente daquele casebre [...]”. Um senhor que observava os dois a distância, se aproximou e reconheceu o pai de Roberto, cumprimentando-o. Em seguida, revelou que a casa para qual ele havia apontado não era a mesma onde ele morou no passado. A tal casa não existia mais, segundo o senhor, pois havia sido levada pela enchente de 1979. “No lugar em que nasci, pastava agora, absolutamente incólume, um simpático burrinho”. A frase que fecha o editorial, resume a discussão teórica deste trabalho: “E eu, que sou de tantos lugares, continuei sendo de lugar nenhum”.

Figura 06 – Editorial: “Onde eu nasci, passa um rio”



Fonte: Jornal Brazilian Voice/Edição 1307, agosto de 2011

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno migratório tem muitas facetas, e uma delas está relacionada à diáspora e à transnacionalidade. Mais especificamente, como ocorre a reconfiguração da identidade do migrante em terras estrangeiras e como lida com isso no retorno para o país de onde emigrou. Nas últimas décadas, multiplicaram-se os estudos dos chamados migrantes retornados, que têm dificuldade de reconhecer o país de origem depois que voltam para lá. Sentem-se como estrangeiros em sua própria terra natal. Como ressaltou Pinto (2011, pp. 145-146), “Ao

voltarem para a terra de origem [...] são acometidos por um sentimento de estranhamento. [...] se frustram ao deparar com uma realidade diferente daquela que foi idealizada durante a estadia no país de destino. O processo de readaptação é complexo”.

É o que acontece com o “Capitão Dólar”, o qual apresentamos ao longo deste trabalho. Um personagem dos quadrinhos do jornal Diário do Rio Doce que reproduzia o comportamento dos valadarenses que retornavam dos Estados Unidos. Comportamento de quem não se sentia mais pertencente ao lugar de origem. O artigo em questão mostra histórias reais, que transcendem os quadrinhos, de pessoas que moraram nos Estados Unidos e retornaram para Governador Valadares, onde procuraram reproduzir o mesmo ambiente do local de destino. A maioria das pessoas aqui apresentadas retornaram na condição de empresários e montaram o próprio negócio, curiosamente na mesma área em que trabalhavam no país norte-americano, como no caso da Pizzaria Boston, na lanchonete América III e do salão Amarildo's Hair Style.

Nas entrevistas concedidas pelos personagens dessa diáspora ao jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Vale do Rio Doce, o Circulando, apresentam-se os elementos da transnacionalidade. Ao retornarem para o país de origem, a readaptação ocorre na condição de continuarem exercendo as mesmas atividades laborais que eram comuns nos Estados Unidos, ou de morarem numa casa construída nos mesmos moldes das que moravam no país norte-americano. São características que evidenciam, segundo Hall (2003), o comportamento de pessoas que não se sentem em casa na sua cidade natal, pois após a experiência migratória é como se ele pertencesse a dois lugares, estando lá e cá, simultaneamente.

A ideia do presente trabalho foi apresentar material publicado pela mídia impressa brasileira, que reforça as marcas da presença norte-americana no cenário urbano de Governador Valadares. E acreditamos que o recorte escolhido nos permitiu alcançar esse objetivo, assim como evidenciar o comportamento transnacional e diásporo dos migrantes retornados.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar Aqui, Estar Lá...** uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2002. Disponível em:

<http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_41.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2015.

FERNANDES, Gisele Manganelli. Identidades em foco: latinos nos Estados Unidos. In: _____; WIMMER, N.; ÁLVAREZ, R.G.H. (Orgs.). **Lugares de identidade: manifestações do literário**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MARGOLIS, Maxine L. **Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo**. São Paulo: Contexto, 2013.

PINTO, Franco Dani Araújo e. **Mídia e migração: a representação de jornais brasileiros de circulação nos Estados Unidos na construção da identidade brasileira em território norte-americano**. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território). Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares. 2016.

PINTO, Juliana Vilela. **As representações do fenômeno migratório na mídia impressa valadarense**. 2011. 217 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território). Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2011.

SALES, Teresa. Identidade étnica entre migrantes brasileiros na região de Boston, EUA. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno. Brasil/Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.